


4.11 Desinformação e infodemia


Desinformação é uma informação falsa disseminada, independentemente da intenção de enganar. Notícias falsas é a disseminação intencional de desinformação. Por exemplo, um oponente político ou governo estrangeiro pode criar uma campanha de notícias falsas para alcançar um objetivo específico, como uma vantagem eleitoral, ou para enfraquecer a confiança nas instituições democráticas, na mídia independente e no conhecimento científico. Grupos organizados podem buscar outros objetivos, como ganhar dinheiro ou promover uma ideologia. Como a intenção pode ser muito difícil de provar, usamos aqui o termo desinformação. Embora a desinformação exista há séculos, a Internet transformou sua escala, seus propagadores e consequências, bem como as possíveis respostas a ela.


Durante a pandemia de COVID-19, as pessoas começaram a usar o termo “infodemia” (ou pandemia de desinformação) para marcar o paralelo entre a rápida disseminação do vírus e a rápida disseminação da desinformação sobre a COVID-19 e as medidas para prevenir, gerenciar e mitigar os seus impactos econômicos e sociais. Os esforços de desinformação existentes relacionados às vacinas foram, em geral, redirecionados às vacinas contra a COVID-19 assim que foram disponibilizadas, e muitos novos esforços antivacina surgiram.

Em 2020, a Comissão de Banda Larga para o Desenvolvimento Sustentável – patrocinada pela União Internacional de Telecomunicações (UIT) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (a UNESCO) – publicou um relatório sobre a luta contra a desinformação digital sem desprezar a liberdade de expressão.⁽¹²⁾


O relatório descreve cinco estágios no ciclo da desinformação:


- 

Instigadores e beneficiários, em que questões são levantadas sobre a motivação (e objetivos conforme descrito acima)
- 

Agentes, em que questões são levantadas sobre técnicas, como robôs e contas ou identidades falsas
- 

Mensagens, em que questões são levantadas sobre os formatos, sendo três os mais comuns:

 - o declarações e narrativas emotivas, que muitas vezes misturam linguagem emocional, mentiras ou informações incompletas, opiniões pessoais e elementos de verdade;
 - o imagens e vídeos fabricados, descontextualizados ou alterados de forma fraudulenta, bem como áudio sintético;
 - o websites fabricados e conjuntos de dados poluídos.
- 

Intermediários, em que questões são levantadas sobre as plataformas (p. ex., *dark web*, redes sociais, envio de mensagens e mídia de notícias) e os recursos de plataforma que estão sendo explorados (p. ex., algoritmos e modelos de negócios)
- 

Alvos e intérpretes, em que questões são levantadas sobre quem é afetado (p. ex., indivíduos como cidadãos, cientistas e jornalistas; organizações como os centros de pesquisa e agências de notícias; comunidades como as comunidades negras e os povos indígenas; e sistemas como os processos eleitorais) e como reagem (p. ex., ignorando ou compartilhando para desmascarar a desinformação)

O relatório distingue desinformação de paródia e sátira, que podem tanto enganar quem não consegue identificá-las quanto contrapor desinformação destacando seus elementos absurdos.

O relatório da Comissão de Banda Larga para o Desenvolvimento Sustentável também apresenta possíveis respostas à desinformação e observa exemplos de interseções com direitos de liberdade de expressão. O relatório da UNESCO observa a possível complementaridade dessas respostas e a necessidade de garantir o alinhamento de todas as respostas usadas.

Monitoramento e checagem de fatos

- Inclui monitoramento e exposição de desinformações (p. ex., alegações desmascaradas) e checagem de fatos sobre novas alegações
- Julgamento de profissionais treinados, empregados por organizações independentes, mesmo quando ajudados pela automação, pode mitigar o risco de violação dos direitos de liberdade de expressão

Rotulagem de credibilidade

- Inclui ferramentas de verificação de conteúdo, indicadores de conteúdo da *web*, sinalização (apontando para fontes de evidências confiáveis) e rotulagem de credibilidade do *website*

Educacional

- Inclui o desenvolvimento de mídia cidadã e letramento informacional (p. ex., habilidades de pensamento crítico e verificação digital), bem como letramento informacional de jornalistas

Curatorial

- Inclui direcionar os usuários a fontes oficiais de evidências confiáveis e pode ser usado por meios de comunicação, redes sociais, mensagens e plataformas de pesquisa
- Pode ser usado indevidamente como forma de censura privada

Técnica e algorítmica

- Abrange um espectro desde a aprendizagem humana ao aprendizado de máquina e outras abordagens de inteligência artificial para identificar desinformação, fornecer mais contexto e limitar a disseminação
- A automação dos processos de recurso pode infringir os direitos de liberdade de expressão

Campanhas contra a desinformação

- Inclui unidades especializadas para desenvolver contranarrativas a fim de desafiar a desinformação e mobilizar comunidades virtuais para disseminar evidências de alta qualidade

Normativa

- Inclui condenações públicas de atos de desinformação e recomendações para responder a esses atos, geralmente por líderes políticos e sociais

Econômica

- Inclui proibições de publicidade, desmonetização de conteúdo específico (p. ex., conteúdo sobre a COVID-19) e outras abordagens para eliminar os incentivos à desinformação

Legislativa e outras políticas

- Inclui criminalizar atos de desinformação, direcionar empresas de comunicação da Internet para retirar conteúdo, e fornecer suporte material para fontes de informações confiáveis
- Pode ter seu uso indevidamente voltado para enfraquecer o jornalismo legítimo e infringir os direitos de liberdade de expressão

Investigativa

(que pode informar respostas legislativas e outras)

- Examina os instigadores, o grau e os meios de disseminação, o dinheiro envolvido e as comunidades afetadas

O relatório não aborda as evidências que fundamentam essas respostas, embora muitas dessas sínteses de evidências existam. Por exemplo, uma síntese mais antiga de qualidade média (classificação AMSTAR 7/11 e data de busca de 2017) descobriu que corrigir a desinformação (i.e., tipo 1 de resposta) tem influência moderada na crença na desinformação (com maiores efeitos na saúde do que no *marketing* ou na política), as refutações são mais eficazes do que as advertências, e os apelos à coerência são mais eficazes do que a checagem de fatos e os apelos à credibilidade.⁽¹³⁾ Nosso objetivo aqui não é fornecer o atual estado do conhecimento sobre essas respostas, nem explorar a psicologia da desinformação que pode fundamentá-las, mas observar que as sínteses de evidências sobre as respostas à desinformação existem e as sínteses vivas de evidências são necessárias. Essas sínteses poderiam fornecer uma compreensão crescente do que é conhecido, incluindo como isso pode variar conforme os grupos (p. ex., entre quem é mais suscetível à desinformação ou possui sistemas de crenças particulares) e contextos (p. ex., sociedades polarizadas).

Como discutido na introdução, se pudermos continuar construindo capacidade, oportunidade e motivação para usar evidências (nesse caso, para lidar com a desinformação sobre os desafios sociais), ao mesmo tempo em que exercemos nosso discernimento, humildade e empatia, a combinação nos será muito útil. Mesmo quando podemos contar com testes rigorosos e sistemas de autocorreção confiáveis que, em geral, operam no setor da saúde, podemos fazer melhor. Como Ross Douthat observa em suas memórias sobre viver com a doença de Lyme, precisamos de mais pessoas e instituições com uma visão de mundo que: 1) “aceite as principais conquistas da ciência moderna, trate fontes de informação populistas pelo menos de forma tão cética quanto trata as fontes do *establishment* e se recuse a beber... Ki-Suco” e 2) “reconheça que o *establishment* falha de todas as formas, que há muito mais experiências que se enquadram nas atuais linhas acadêmico-burocráticas...”⁽¹⁴⁾ A maioria de nós já se beneficiou imensamente de campos como a medicina, que combinam testes rigorosos e sistemas de autocorreção bastante confiáveis. Mas algumas pessoas – como Ross Douthat – não. Ross declarou: “tenho a mente mais aberta sobre o universo do que há sete anos, e sou muito mais cético sobre qualquer coisa que reivindique o manto do consenso. Mas estou tentando não deixar que essa mistura de mente aberta e ceticismo decaia em uma forma paranoica de pensamento coletivo”.⁽¹⁴⁾